

Pulsão de morte	2
O teorema de Nataf	19
O barril de Sereníssima	30
A nova Berenice	38
O bruxo de Copacabana	42
Na academia de ginástica	47
O rio enterrado, Don Corleone e o vírus	56

Pulsão de morte

“Eu vou destruir tudo!”, gritou o rosto enquadrado na tela do celular. A câmera se afastou mostrando o homem com uma roupa vermelha à prova de fogo – e se afastou ainda mais quando ele acendeu o lança-chamas e começou a queimar uma plantação de eucaliptos. “Tudo!!!”, gritou mais uma vez, rindo, enquanto a câmera 2 (que parecia estar atrás das chamas) dava um close em seu rosto.

A imagem sumiu e foi substituída por um fundo preto com o *logo* do candidato: um chicote cruzando uma metralhadora com uma caveira presa na ponta. Embaixo, em letras maiúsculas, estava seu bordão de campanha: **“VOCÊS SERÃO PUNIDOS”**. O texto parecia piscar discretamente alternando tons dourados e prateados.

No estúdio de gravação, Volando desligou o lança-chamas e olhou, perfeitamente tranquilo, para o fundo verde que ocupava o lugar da plantação em chamas. Um assessor engravatado se aproximou para ajuda-lo a tirar o lança-chamas das costas. “O segundo vídeo é o do palácio do governo”, disse o assessor.

“Não vai precisar do lança-chamas?”

“Não. Vamos fazer com uma marreta.”

Dois assistentes de produção apareceram, suados, arrastando um bloco de pedra cor-de-palácio-brasiliense de dois metros de altura.

“Eu vou destruir tudo”, disse Volando ao assessor, entre risadas.

*

A placa no quadro da portaria mostrava os últimos sete andares do prédio ocupados por Joselino, Camargo &

associados. Pelo nome, poderia ser um escritório de advocacia (mas era uma empresa de marketing).

“Eu não sei qual dos sete...”, comecei a dizer ao recepcionista no térreo.

“Então é a cobertura: é a entrada principal.”

No *hall* do elevador, no último andar, um cartaz de quase dois metros na parede mostrava uma senhora de cabelo curto com o dedo indicador apontando para a câmera. “**JUST SAY NO!**”, era o texto em letras maiúsculas não-serifadas embaixo da foto. No corredor até a sala de Madalena, mais cartazes com frases negativas e pessoas sorridentes: “**TALK TO THE HAND!**”, “**THERE IS NO ALTERNATIVE**”, “**RESISTANCE IS USELESS!**”, todos em inglês.

Uma recepcionista de cabelo escovinha vestindo um tubinho preto me acompanhou até a sala. Madalena

sorriu quando entrei. Os sorrisos eram tão onipresentes que pensei em fechar a cara só para fugir da repetição.

“Você chegou na hora”, ela disse, como se isso fosse uma coisa espantosa.

“Eu sei”, e acho que soei como quem admite ter cometido um crime ou, pelo menos, uma indelicadeza.

“Vem. Vou te mostrar a empresa.”

Nos primeiros andares por onde passamos, a empresa era como todas as outras: salões bem iluminados com ar-condicionado, mesas de fórmica branca com computadores e garrafas térmicas grandes com café. No andar dos desenvolvedores de *software* havia pequenas salinhas envidraçadas onde eles podiam ouvir música enquanto trabalhavam.

No andar mais baixo, o último onde passamos, ficavam os estúdios: a parte onde os áudios e vídeos eram feitos. Boa parte da campanha de Volando tinha sido

gravada naquele andar. Não vou dizer que foi bom ver como os *memes* eram feitos. Mas Madalena parecia muito feliz por me mostrar a empresa: orgulhosa, satisfeita, sem nenhum tipo de constrangimento com o que eles faziam.

Ainda não era meio-dia quando ela me levou de volta ao último andar. Lá, em uma sala individual, encontramos Matozinho, o redator-chefe. Se eles me contratassem, Matozinho seria meu chefe.

Ele vestia uma camisa social estampada em tons de verde escuro, quase como uma roupa de escritório camuflada. Usava calça jeans e uma corrente dourada no pescoço. A barba era bem cuidada e o cabelo parecia ter sido cortado na véspera. Idade aproximada: 35 anos.

“Madalena falou muito bem de você”, ele disse logo que Madalena nos apresentou.

“Vamos almoçar”, ela interrompeu, antes que eu pudesse agradecer ou retribuir os elogios.

Descemos os três para um restaurante *a la carte* a menos de um quarteirão do prédio da Joselino, Camargo & associados. Pedi salada: não gosto de fazer entrevistas de emprego com o estômago pesado.

“Você só vai comer isso?!”, implicou meu futuro chefe.

“Gosto de salada”, respondi tão sorridente quanto pude.

“Você sabe que aqui na JCA nós preparamos uns pratos bem pesados.”

“Eu sei. Todo mundo já viu as suas campanhas.”

“Se elas não fossem pesadas, ninguém ia ver.”

“É.”

“Nós trabalhamos para isso. Mas não se preocupe: você não vai começar escrevendo para o Volando ou para

o Carlinhos em São Paulo. Nós estamos fechando três campanhas na Região Norte. Quando os papéis estiverem assinados eu digo direito quem são.”

“Eles têm um perfil específico?”

“Não. Um deles é até de esquerda.”

Assinados os contratos, eu conheceria o candidato da minha campanha e o programador do *TensorFlow 4d8*, versão adaptada do programa da *Google* que eles usavam para decidir os rumos da eleição.

“Nós alimentamos a base com tudo que os seguidores de todos os candidatos postam nas redes. O *TF4d8* diz o que enviar para cada um. Ele diz até o que o candidato não deve, em hipótese alguma, dizer.”

“E vocês sempre fazem o que o *TF4d8* diz?”

“Sempre.”

Foi a vez de Madalena explicar:

“Lembra de um político que não conseguia dizer ‘*nuclear*’? De outro que copiava *slogans* do partido nazista alemão?”

“*TF4d8?*”

“Não. Eram programas mais antigos. Mas a ideia é a mesma”, disse Matozinho.

“Sem sentimentos de culpa?”

“Nós damos ao público o que ele pede. Se ele pedir ódio, ódio; terra plana, terra plana. É isso que o programa mapeia. Se o público não gosta de ‘*nuclear*’ mas atura bem um ‘*núcular*’, beleza.”

*

O suor escorre da testa de João Madeira enquanto ele aparafusa o quadro à parede. É um quadro branco,

desses de sala de aula. A câmera se afasta e uma mulher com cara de diretora de escola diz:

“Ficou ótimo!”

“Vamos trocar todos”, diz João.

Corte para um fundo branco. Um samba da Mangueira vai ganhando volume enquanto o *logo* do candidato – pequeno e distante – vai se aproximando, parecendo cada vez maior. O *logo* tem um livro de matemática deitado e dois de ciências na vertical, com um estetoscópio casualmente largado por cima.

*

Matozinho olhou para a TV em sua sala, com a tela já completamente ocupada pelo logo:

“O Madeira é candidato ao Senado. Ele não vai reformar escolas.”

“Ninguém liga para isso. O importante é ele aparecer construindo alguma coisa. O *TF4d8* já disse que o Carlos Alexandre tem uma imagem de destruidor de coisas. Vamos contrapor oferecendo alguém que constrói”, respondi.

“O vídeo é bobinho. Não provoca emoção nenhuma. Você encaminharia isso para algum dos seus contatos de *whatsapp*?”

“Eu não posso pôr ele num carro de luxo atropelando mendigos. O outro candidato já fez isso.”

Madeira era um bom candidato. Gostei de ser indicado para trabalhar com ele. Seu único problema era estar em terceiro nas pesquisas, 20 pontos atrás de Carlos Alexandre, o primeiro colocado.

Faltavam 40 dias para as eleições quando Madeira assinou o contrato com a produtora e eu fui realocado para trabalhar com ele. Era mais fácil. Fazer campanha para um

candidato do Rio de Janeiro parecia mais natural para mim.

“Agora não esquece: os cariocas são tão ruins quanto os roraimenses. Nada de campanha boazinha”, me disse Madalena quando confirmaram minha transferência.

Mas eu estava fazendo uma campanha boazinha. E ela não funcionava. Os três primeiros vídeos tiveram efeito nulo nas redes sociais e nas pesquisas: não se espalhavam e não traziam votos.

“O que vamos fazer?”, perguntou Madeira em nossa segunda reunião de pauta.

“Explodam os nazistas”, disse Matozinho num tom de voz tão cândido que, por um segundo, pude imaginá-lo dando aula para uma turma de pré-primário.

“Como assim?”, perguntou o candidato.

“Façam um vídeo sangrento com o Carlos Alexandre e o... qual é o nome daquele outro?”

“Williamson.”

“Isso: o Carlos e o Williamson sendo linchados pela população ou levando uns tapas num ringue de MMA.”

“Mas isso não tem nada a ver com política”, comecei a reclamar.

“Tem sim”, se animou Madeira.

“O *TF4d8* diz que eles têm queixo de vidro”, completou meu chefe.

“Vamos começar com o MMA. Tem uma academia a duas quadras daqui. Dá pra filmar no ringue deles. Já alugamos coisas deles antes”, disse Madalena.

“E os dublês?”, perguntei.

“Fala com o Tércio lá da produção. Ele também tem um coreógrafo, um cara de *kung fu*. A gente já trabalhou com ele.”

*

“Com o apoio de Volando, eu vou fazer mais!”, diz em tom duro Carlos Alexandre, no meio do ringue.

Mal ele termina a frase, um chute atinge seu rosto no queixo e na bochecha. O rosto vai se deformando em câmera lenta enquanto o pé de João Madeira o atinge.

A cena se acelera de novo, João gira sobre o próprio eixo e acerta outro chute, agora na barriga de Carlos, arremessando-o contra as grades do octógono.

“Eu vou te pegar!”, grita Williamson, pulando dentro do ringue no mesmo centésimo em que Carlos Alexandre cai desacordado.

Ele parte para cima de João Madeira, mas é derrubado por uma rasteira antes que suas mãos consigam chegar perto do candidato.

Williamson solta um grito enquanto cai no chão e a câmera fecha no sorriso quase canastrão de Madeira.

“Madeira, o dragão do Senado”, diz a voz em *off* enquanto o número do candidato é estampado na tela.

A música de fundo é *The eye of the tiger*.

*

O vídeo, feito com lutadores profissionais e técnicas de *deep fake*, viralizou em segundos. Ele fez Madeira ultrapassar Williamson e ficar a cinco pontos de Carlos Alexandre. O vídeo tinha um jeitão de filme de *kung fu* antigo, com um tempero à Van Damme: brega mas engraçado. Vi muitas pessoas gargalhando enquanto assistiam.

Não podíamos perder tempo. A eleição estava ao alcance das mãos apesar de, então, faltarem cinco dias para a votação.

Resolvemos apostar no linchamento. O segundo vídeo teria Madeira comandando uma turba furiosa: todos prontos para espancar seu adversário com o que tivessem nas mãos. Bom, é melhor passar à cena:

*

Exterior, noite, rua transversal mal iluminada no centro da cidade. Carlos Alexandre e dois assessores correm apavorados pisando em poças e derrubando latas de lixo. Atrás deles, com passos firmes e olhar convicto, Madeira segue à frente de dezenas de pessoas, que gritam e gesticulam parecendo muito irritadas.

“A sua hora chegou, Carlos Alexandre!”

Carlos Alexandre e seus assessores param em frente a uma grade: a rua está bloqueada e eles não têm para onde fugir.

Madeira acena com a cabeça e a multidão sai em disparada para atacar o outro candidato.

Os berros da turba se misturam com os gritos de Carlos Alexandre & companhia e a câmera se desvia para o alto de um prédio ao fundo.

O texto “**AGORA É A NOSSA VEZ**” aparece em vermelho, carimbado na tela, enquanto os gritos do candidato governista parecem aumentar de volume ao fundo.

*

João Madeira virou senador e assinou um contrato de manutenção de imagem com a JCA. Agora produzimos dois vídeos por semana mostrando *O dragão do Senado*

para seus eleitores (sempre da forma mais peculiar possível).

Os vídeos são enviados por Madeira por todas as suas redes sociais e impulsionados (são publicidade paga) para aparecer também para não-seguidores do senador. Em algumas redes, podemos escolher o perfil desses não-seguidores, o que, é claro, é feito segundo as ordens do *TF4d8*.

O teorema de Nataf

O mundo é grande. Mas, naquela época, Diógenes parecia ter se esquecido disso. Ele tinha sido demitido depois de cinco anos dando aula na faculdade onde estudamos.

Diógenes era um bom professor. Mas dizem que o sobrinho do diretor – que ficou em seu lugar – também não era ruim. Depois de três meses de desemprego, Patrícia o contratou como seu secretário particular. Mas estou me adiantando.

Algumas semanas antes – quando o aluguel atrasado estava prestes a deixá-lo sem teto – fomos a um bar na Voluntários da Pátria, perto da Praia de Botafogo. Fui direto do trabalho. Diógenes estava bebendo sua primeira caipirinha quando cheguei.

Ele falou principalmente sobre um artigo que estava reescrevendo. O texto já tinha sido recusado por algumas revistas acadêmicas (“porque eles não entenderam”, garantiu Diógenes).

Eu também não entendi. Não que fosse alguma coisa hermética ou confusa, mas porque problemas de agregação de dados não são o que mais me anima.

– Eu vou escrever de um jeito que até uma criança de cinco anos vai entender! – ele disse.

– Isso não devia te deixar tão estressado...

– Se você descobrisse uma coisa que ninguém sabe, quer dizer, uma coisa que algumas pessoas já souberam mas foi abandonada pelos acadêmicos... – ele continuou.

– Ok.

– Se você descobrisse isso e então pudesse provar que metade do que as pessoas estudam em economia não faz sentido?

– Só metade?

– Fala sério!

– Diógenes, 90% daquilo é *lobby* disfarçado.

– Ok. Metade do que não é *lobby*.

– Metade de 10% não é muito.

– São coisas grandes, Homero, tipo o modelo do Banco Central.

– O Banco Central não confia no modelo do Banco Central. Por que você acha que eles mudam os juros tão devagar? Eles não sabem qual vai ser o efeito.

– Ok. Mas e se você descobrisse...

– Não faria diferença. Se Yates escrevesse *No second Troy* hoje, o verso iria sumir, perdido em alguma página de *Facebook*.

Era uma noite fria e chuvosa de junho. Nossa mesa era na calçada, embaixo de um toldo curto, e a chuva eventualmente molhava os pés de Diógenes (que fingia não se importar).

– O problema tem a ver com agregação.

Mas, nesse momento, Gaby, minha namorada, chegou (atrasada, como sempre).

Com Gaby vieram as histórias de corrupção e tudo que ela tinha preparado para o noticiário de TV de meia hora mais cedo.

Não lembro mais qual era o escândalo político do dia. Mas ele foi suficiente para contornar (por alguns segundos) o impulso acadêmico de Diógenes.

As caipirinhas também ajudaram.

Diógenes não bebe cerveja: um problema que Pati tratava como uma espécie de falha de caráter.

– Como assim não bebe?! – ela gritou, dez anos atrás, quando nós três nos conhecemos.

– Relações estimadas com agregados vão ser diferentes de relações entre as mesmas variáveis estimadas com microdados – Diógenes estava dizendo a Gaby quando voltei a prestar atenção. – As que valem, as relações corretas, são as individuais, as estimadas com microdados.

Gaby olhava para mim com a expressão típica de quem não está entendendo nada. Então perguntei alguma coisa como:

– Afinal, o prefeito foi preso?

– Sim – ela respondeu. – Mas foi solto duas horas depois com um *habeas corpus* de um ministro do STF.

E, com isso, voltamos às histórias de corrupção.

Pati ligou para Diógenes num sábado de manhã:

– Eu tenho um emprego para você. Não é exatamente um trabalho fácil: você vai trabalhar direto comigo.

Pelo menos ela foi sincera.

Segunda de manhã ele estava na sede da seguradora, no centro do Rio.

Diógenes foi com seu único terno – como Pati tinha recomendado. Tão logo disse seu nome na recepção, ele foi mandado para o último andar, para o escritório da diretora financeira.

Ela pareceu incrivelmente feliz por vê-lo: não conseguia parar de sorrir.

Uma recepção tão alegre acabou acalmando Diógenes. Mas, conhecendo Patrícia, ele não devia ter se acalmado.

O trabalho com ela era estranho. A maior parte de seus problemas pessoais era resolvida por seu secretário – e Diógenes não se sentia à vontade para lidar com essas coisas.

Ele tinha bastante tempo livre para ler e escrever quando o telefone não estava tocando. Por outro lado, Pati era capaz de ligar em fins de semana, ou no meio da noite, para pedir as coisas mais sem sentido.

O salário não era ruim. Diógenes ganhava mais que sua antecessora no cargo. Pati aumentou seu salário porque sabia como é difícil mudar de emprego para um

com salário menor – mesmo quando o emprego não é grande coisa.

De qualquer forma, era temporário (como Diógenes me dizia toda vez que nos encontrávamos). Mas era um temporário que ia ficando maior a cada dia.

Ele estava no seu terceiro mês lá quando Pati o convidou para jantar depois do trabalho.

Foram a um restaurante assustadoramente caro, que Pati conseguiu deixar ainda mais caro depois de examinar a carta de vinhos.

Diógenes – que juntava cada centavo para ter alguma reserva caso ficasse desempregado de novo – não conseguia se sentir tranquilo naquele lugar. Os garçons, que completavam seu copo com vinho antes que ficasse vazio, ajudavam a deixa-lo aturdido. Os detalhes em dourado nas paredes completavam o quadro.

Conversaram sobre abobrinhas de trabalho. Pati parecia sorrir demais – mas Diógenes fingiu não perceber.

No fim do jantar, Pati tentou convencer Diógenes de que o Paraíso era um doce (um doce bem específico: um *macarron* de *blueberry*). Por dez segundos (enquanto comia o *macarron*), ele quase se convenceu. Mas o Paraíso devia, pelo menos, durar um pouco mais.

No caminho de volta para casa, ele veria crianças doentes dormindo nas calçadas e acabaria se convencendo de que o Inferno estava bem mais perto que o Paraíso. O ex-quase-sem-teto sabia que estava mais perto dos mendigos de sua rua que dos bebedores de vinho francês do restaurante.

Se o Paraíso era uma ideia discutível, o Inferno estava bem na sua frente.

Não eram só os sorrisos excessivos de Pati que o incomodavam. Havia o tormento extra de sentir que estava

trabalhando para o lado errado. Pati era a grande defensora das recusas de cobertura e dos aumentos de preços para os planos de saúde da seguradora. Ela se orgulhava disso (e nada que Diógenes fizesse mudaria suas decisões administrativas).

Nessa época, Diógenes terminou a versão *dummy* de seu artigo sobre o Teorema de Nataf. Ele cuidadosamente escolheu uma revista acadêmica e a enviou.

O tempo de espera pela resposta costuma ser longo. Mas, mesmo que publiquem o artigo, é pouco provável que ele seja muito lido ou que mude qualquer coisa. O artigo original de André Nataf foi publicado na prestigiosa *Econometrica* – e não mudou o mundo.

Diógenes se sentia como se tivesse dado de cara com uma resposta para a pergunta sobre a vida, o universo e tudo mais (mas ninguém se importasse com isso).

De qualquer forma, era tudo o que ele tinha: seu teorema sobre o erro sistemático dos economistas. E ele ia usá-lo, de alguma forma.

O barril de Sereníssima

Podia esperar qualquer coisa de Fortunato, mas nunca aquilo. Você me conhece e sabe que, normalmente, eu não seria capaz... Mas ele foi muito persuasivo. E eu estava bêbada. O pior é que não me sinto realmente mal. Fiz apenas o que ele pediu e, quando terminei, já mais sóbria, tomei o cuidado de olhar pela janela antes de sair de sua casa. Ninguém me viu.

Ele parecia muito feliz quando nos encontramos. Estávamos em Ouro Preto, terra de sua família. A noite tinha acabado de começar, mas os blocos de Carnaval já estavam na rua (e eu com eles) desde cedo. Também fiquei feliz em vê-lo. Teria ficado feliz em ver qualquer rosto conhecido no meio daquela multidão. E, com eu disse, estava bêbada. Então o abracei com força e deixei que me beijasse.

Nos afastamos um pouco e ele me disse:

“Maria, você hoje está com sorte. Meus tios acabaram de me mandar um barril de Sereníssima, a cachaça da família, um barril de carvalho”, e indicou com as mãos um barril pequeno, de pouco mais de trinta centímetros de comprimento, “cheinho”.

“Sereníssima?”

“Sereníssima! Você quer provar?”

“Quero.”

Fortunato então me tomou pelo braço e, ajeitando sua fantasia de *Pierrot*, seguiu por uma das descidas que se afastam da Praça Tiradentes. A propósito, eu estava de bailarina.

A casa era longe e Fortunato falava o tempo todo para me distrair. Subimos uma ladeira interminável e ele esteve a ponto de se oferecer para me levar no colo.

Finalmente chegamos. A casa estava vazia. Ou Fortunato morava sozinho ou estavam todos seguindo os blocos. O mais provável era que morasse sozinho. A casa estava em obras. Várias paredes tinham os tijolos à mostra e havia pilhas deles em toda parte, ao lado de sacos de cimento.

“Cadê a Sereníssima?”, perguntei.

“Na adega.”

“E cadê a adega?”

“No porão.”

Ele então pegou meu braço novamente e me levou até uma escada estreita que descia para o porão.

O porão, descobri espantada, era parte de uma antiga mina, com algumas paredes escavadas na pedra e outras escoradas por concreto e tijolos.

“Você tem ideia de quantos escravos morreram cavando isso aqui?”

“Não seja mórbido Fortunato, cadê a cachaça?”

“Lá no fundo, com as outras bebidas.”

Depois de virar umas duas curvas na caverna de teto baixo, chegamos a um beco escuro. Forçando a vista, vi que no fundo do beco, havia meia parede de tijolos. Fortunato então pegou uma lanterna em um canto da caverna e apontou o facho de luz para o beco. Lá, atrás da meia parede de tijolos, estava a adega.

“Você está emparedando sua adega?”, perguntei sem entender o que aquilo significava.

“Estou.”

“Por quê?”

“Por muitos motivos. Na verdade não é só minha adega que eu quero emparedar.”

“Não?”, e nessa hora, tenho que confessar, senti um arrepio nas costas. Fortunato sempre foi um pouco estranho e, em condições normais, não é alguém com quem eu entraria em um buraco escuro em uma casa desconhecida.

“Maria, eu preciso de um favor seu.”

“Que favor?”

“Ali, perto da parede”, ele apontou o foco da lanterna, “tem tijolos, água, terra e cimento.”

“Sim...”

“Maria, eu quero que você feche essa parede para mim.” E, enquanto dizia isso, ele pulou a meia parede da adega e se sentou do lado de dentro.

“Eu?”

“É, você”

“Mas por quê? Por que você não se empareda sozinho?”

“É contra a minha religião.”

“E por que eu te emparedaria?”

“Eu te dou o barril de Sereníssima.”

Ele, então, levantou e pegou o barril no alto da estante da adega.

Depois de passar o barril por cima da meia parede ele disse: “Espera”, e andou com o facho de luz até uma espécie de arca ao lado da estante.

O facho de luz apareceu de novo e vi que Fortunato trazia dois copinhos de cachaça. Enchi os copinhos.

“À parede”, ele disse.

A essa hora eu já tremia de medo e estava completamente sóbria. “À parede”, concordei.

O que posso dizer? A cachaça era a melhor que já provei. Uma obra de arte. Precisei de mais três copos dela para poder começar o trabalho. Demorei quase duas horas para fechar a parede. Quando faltavam apenas duas fileiras de tijolo, Fortunato me interrompeu:

“Eu esqueci uma coisa.”

“O quê?”

“O gato. Eu preciso do meu gato preto.”

“Cadê ele?”

“Deve estar lá em cima, no meu quarto.”

“Eu vou buscar, não se preocupe.”

O gato veio fácil para o meu colo. Levei-o para baixo e o passei pela fresta da parede.

Antes de pôr massa entre a última fileira de tijolos e o teto baixo, ainda me estiquei para olhar uma última vez para o lado de dentro.

“Você tem certeza?”, perguntei.

“Claro.”

Então fechei a parede.

Peguei meu barril, apaguei as luzes do porão e subi para casa. Precisava lavar as mãos e limpar o suor do rosto. Olhei pela janela. Não havia ninguém na rua. Peguei meu barril e saí. Tinha ainda que passar na pousada para guardá-lo antes de voltar aos blocos.

A nova Berenice

Berenice e eu somos primos e crescemos juntos na casa de meus pais. Mas, mesmo na infância, tínhamos hábitos muito diferentes. Eu, sempre doente, deitado em frente à TV. Ela, agitada, inquieta, sempre em festas e aulas de ginástica. Mas a doença, uma doença horrenda, acabou atingindo Berenice. Ah! Berenice! Era difícil acreditar. O demônio da mudança caiu sobre ela, impregnou seus desejos, seus hábitos e sua personalidade. Eu já tinha dificuldade em reconhecê-la, tão diferente a doença a deixou. Agora, era nervosa, magra – e um pouco arrogante, tenho que dizer.

Ela não comia mais. Era esse o sintoma mais óbvio. Não queria comer. E a visão de um belo pedaço de torta era suficiente para deixá-la irritada. Enquanto isso, o que me restava era continuar diante da TV. Assistia todo tipo de programa, mesmo aqueles com fofocas sobre a

vida dos atores. Mas me impressionava ver Berenice cada vez mais parecida com os esqueletos de filme, os dentes agora salientes no rosto fino (ela era dentuça) e aqueles comentários bizarros:

– Acho que engordei um pouco.

– Berenice, você está muito magra, de verdade. Coma torta.

– Argh!

O estranho é que, nas épocas mais saudáveis de Berenice, eu nunca tinha lhe dado muita atenção. Podia, no máximo, a comparar a alguma personagem de seriado ou reparar no esforço que fazia para se equilibrar nos saltos de quase dez centímetros com que ia às festas. Mas nunca pensei em me aproximar mais.

No entanto, essa nova Berenice, magra e irritadiça, era incrivelmente atraente. Não pude deixar de me

aproximar: convidei-a para ver alguma sequência de filme de terror no cinema. Mas ela não reagiu bem:

– Não. Gordo.

O ‘não’ de Berenice me deixou um pouco aturdido. Na verdade aturdido a ponto de não conseguir mais ver TV. Ficava então estendido no velho *puff* da sala, vendo Berenice entrar e sair de casa com suas roupas justas – que realçavam a magreza – e pensando em consultar um analista. Pensei também em insistir, em convidá-la para jantar, mas sabia que ela diria não.

Finalmente – alguma hora aconteceria – Berenice foi internada. Ela desmaiou em uma festa e foi parar em um hospital. Os médicos disseram que ela não tinha condições de ter alta e ela quase os atacou quando contaram que tinham dado glicose para acordá-la.

Fui visitá-la. Na sala de espera do hospital, uma TV passava desenhos animados, o que me distraiu por um

bom tempo. Quando finalmente pude entrar, encontrei Berenice bebendo uma daquelas sopas sem graça de hospital (segundo ela, muito doce). Disse então que ela devia usar mais os dentes e lhe entreguei a pequena caixa com meu presente.

Ela pegou a pequena caixa e a pôs na mesa ao lado da cama. Me despedi e a deixei para abrir sozinha o pacote. Na caixa, um cordão prateado tinha como pingente um dente incisivo. Cheguei a pensar numa caveirinha, mas era meio mórbido naquelas circunstâncias. O dente era mais discreto.

O bruxo de Copacabana

Magro, barbudo e “canino”, tinha olhos de cachorro faminto. Andava de vitrine em vitrine olhando preços e produtos, olhando o rosto das vendedoras e a decoração das lojas. E comparava todas essas coisas para tentar entender o entra e sai de gente, para tentar entender o que queriam todas aquelas pessoas andando todos os dias na Av. Nossa Senhora de Copacabana.

Seu nome era Gervásio. A lenda sobre ele era que tinha sido dono de uma rede de lojas. Faliu. Faliu, foi abandonado pela esposa, perdeu o cachorro e o apartamento (no processo de separação).

Gervásio tinha dívidas – que nunca ia pagar. Falência é isso, é ter mais dívida que dinheiro em caixa (e ter a dívida cobrada).

Tinha sido um bom vendedor quando era novo. Tão bom que conseguiu abrir sua própria loja – e depois uma filial e depois mais uma. Mas aí já não vendia mais, apenas administrava.

É difícil saber se a culpa foi dele. Conversei uma vez com uma ex-vendedora de uma de suas lojas. Ela tinha pena dele: tinha falido na época do Plano Collor. Conseguiu pagar os adicionais de dispensa dos funcionários, mas ficou devendo a credores e fornecedores – que tomaram tudo que puderam dos ativos da rede.

A ex-funcionária disse que ele recebia aposentadoria, provavelmente de um salário mínimo. “Ele já tem idade para receber”, disse.

“Como ele era, na época da loja?”

“Muito agitado, sempre remarcando preços e pensando em promoções para anunciar na vitrine. Tinha inflação naquela época. Era mais difícil.”

As histórias que ouvi são de que ele tinha ganhado dinheiro por isso, por saber o preço de tudo. Mesmo com a inflação de 20% ao mês, sabia quanto cobrar e por quanto comprar.

Estranho pensar naquele sujeito alto, magro e mal vestido – com jeito de monge ou de bruxo – como um comerciante dos tempos da inflação.

Uma vez o vi em Ipanema. Ele olhava uma vitrine de livraria e tinha um sorriso um pouco estranho. Parei ao seu lado em frente à vitrine. Ele falou comigo:

“Elas cobram o mesmo preço. Você sabe.”

“Sim. Todas elas. Sempre o mesmo preço.”

Pensei em falar alguma coisa sobre cartéis mas, quando me virei para o lado, ele tinha sumido. Não vi para onde foi.

Um amigo me disse que o viu em Benfica, nas lojas de lustres. Gervásio examinava lustre por lustre, horas a fio.

Era, de algum jeito, um personagem folclórico, principalmente em Copacabana, onde passava a maior parte do tempo.

Um jornal de bairro publicou um “perfil do consumidor” com ele uns três anos atrás, uma matéria curta e meio mal feita. O texto dizia que Gervásio era “o homem dos preços” e trazia recomendações sobre onde comprar o quê. Eram coisas práticas como “no lugar X é mais barato, mas só se você for comprar muito, senão, não vale a passagem.”

Das histórias que ouvi, a mais estranha – e da qual não duvido – era que o diretor geral de uma rede varejista vinha ao Rio com frequência se consultar com ele.

“Você acha que vender por X está caro?”, perguntaria o sujeito, conferindo uma longa lista de produtos.

Eu, que não sei avaliar preço de aluguel nem de geladeira, talvez precisasse de consultas também. Parece que ele cobrava por elas. Mas devia cobrar o preço certo.

De qualquer jeito, agora é tarde. Acabo de ler no jornal o obituário de Gervásio. Ele não deixou bens. Morava em um apartamento alugado, em Copacabana.

Tinha algumas economias e – sim – um testamento. Nele, entre outras coisas, pedia para ser cremado – pois o preço dos jazigos estava muito acima do razoável.

Na academia de ginástica

– É um aparelho singular – disse a professora à visitante e contemplou, com alguma admiração, o aparelho que conhecia tão bem. A visitante parecia ter aceitado apenas por cortesia o convite da recepcionista para assistir a aula de uma aluna pálida com sua *personal trainer*. Na academia, isso era normal e alguns desses professores ficavam ao lado de seus alunos particulares corrigindo suas posturas ou dizendo palavras de estímulo quando estavam no fim de alguma série mais pesada de exercícios.

Ao lado da máquina estavam apenas a visitante, a professora e a aluna – uma mulher de boca grande e aspecto estúpido com cabelo e rosto muito bem cuidados. A aluna sentou-se em um assento de borracha com encosto alto. As mãos seguravam pinos de ferro e os braços, bem abertos, se apoiavam em bases também emborrachadas, na altura do rosto.

– Vamos começar com dez repetições, 40 quilos – disse a professora, explicando à visitante que músculos o “voador” deveria reforçar.

Os ferros emborrachados em que a aluna apoiava os braços estavam presos por cabos de aço aos pesos atrás dela. E os pesos subiam e desciam, fazendo um ruído discreto à medida que a aluna trazia os braços para frente do corpo. Ela tinha um aspecto tão caninamente submisso que, se a tivessem mandado levantar caminhões em frente à academia, não teria protestado.

A visitante não se interessava muito por ela ou pela máquina e ajeitava o cabelo no grande espelho da academia com um ar indiferente.

– Não quer sentar? – perguntou a professora, apontando para uma espécie de banco emborrachado ao lado da máquina.

– Obrigada.

– Se você se inscrever, vai ter que passar por um exame médico, aquela coisa de sempre: peso, altura, fôlego, percentual de gordura no corpo...

A visitante, já sentada, olhou para a própria barriga, refletida no espelho.

– É um julgamento sumário – continuou a professora, olhando para a barriga da visitante – sem direito a defesa.

– Isso é injusto – disse a visitante em tom de brincadeira.

– O mundo é injusto – rebateu a professora.

A aluna fez mais duas séries de exercícios, a última acompanhada de caretas e pequenos grunhidos de esforço.

– Muito bom – cumprimentou-a a *personal trainer*.
– Agora vamos para o *Leg-press*.

Pararam em frente a outro aparelho. Esse parecia mais simples: tinha também uma cadeira emborrachada, mas esta era inclinada: 45 graus. A parte das pernas ficava virada para cima, ligada a um trilho por onde corria uma espécie de carrinho. No carrinho eram postos grandes pesos redondos, de 20 quilos cada um. Os pés da aluna, que tinha as pernas esticadas, se encostaram à base do carro. Então, depois que a professora prendeu o quinto disco de peso, a aluna soltou as travas de ferro e deixou que o peso viesse inteiro sobre suas pernas. Ela ficava assim “prensada” entre o encosto do banco e o plano inclinado cheio de pesos. Dobrou então as pernas e depois as esticou de novo, a princípio, sem muito esforço. Repetiu o movimento de novo e mais uma vez. Na sétima repetição os músculos de seu rosto já estavam contraídos e a professora teve que animá-la:

– Só faltam três, vamos lá!

Na décima repetição, a aluna bufava e a professora tratou de ajuda-la a travar novamente o carro no alto dos trilhos.

– Isso não está muito pesado? – perguntou a visitante, pela primeira vez se dirigindo à aluna.

– Não – respondeu a aluna, se recompondo – eu aguento.

– Vamos fazer um pouco de supino – disse a *personal*.

As três então atravessaram o salão de ginástica. A visitante, logo atrás da aluna, reparou que ela não parava de olhar as próprias pernas no grande espelho do salão. Notou também que ela tinha começado a balançar um pouco a cabeça, de um jeito ritmado. As caixas de som da academia estavam ligadas e uma música de ritmo quebrado e pouca harmonia começava a tomar conta do ambiente.

Professora e aluna se aproximam do supino – que a visitante já conhecia mas ainda não tinha ligado ao nome. O supino é uma barra de ferro com rodas de peso presas às pontas. Quem o usa se deita em uma pequena cama emborrachada. O peso fica apoiado em duas bases de ferro sobre a cama. O fisiculturista então desencaixa o peso das bases de ferro e dobra os braços permitindo que o peso se aproxime mais do tórax. Depois estica os braços – empurrando os pesos para o alto – e os dobra novamente.

– Da ultima vez você achou os pesos leves – disse a professora.

– É – concordou a aluna.

– Vamos pôr mais dois quilos de cada lado.

Enquanto as duas punham as rodas de ferro na barra, a visitante observa as pessoas que corriam em esteiras rolantes. Elas suavam na grande sala ar-condicionada e pareciam tentar entender o que se passava

nas TVs sem som presas ao teto, em frente às esteiras. Um pouco à frente das esteiras, ficavam as bicicletas ergométricas. Em uma delas, um senhor gordo de camiseta parecia exausto e prestes a se desmanchar em uma grande poça de suor. Mas, mesmo exausto, ele parecia feliz em olhar a própria imagem encharcada no reflexo do espelho.

– Só mais uma – disse a *personal trainer* ao lado da visitante.

Só então ela se deu conta de que a aluna já estava no fim de uma série no supino reto. Seus braços tremiam um pouco e a professora, que estava de pé logo atrás de sua cabeça, a ajudou a empurrar a barra para cima com os dedos médio e indicador das duas mãos. O apoio era mais psicológico que físico. A visitante reparou que os braços da aluna, embora não muito grossos, estavam inchados, saltando por baixo da pele magra e pálida.

– Foi! – disse a professora. – Daqui a pouco nós voltamos para cá. Vamos alternar com algum exercício para as pernas.

A máquina seguinte era uma versão para pernas do “voador” – por onde a aluna já tinha passado. Ela se sentou com as pernas abertas e apoiadas em duas bases emborrachadas que escoraram suas batatas da perna por dentro até a altura dos joelhos. Juntando as pernas na frente do corpo, ela acionou os cabos de aço que suspenderam os pesos ao seu lado. Depois da oitava repetição, a aluna se rendeu:

– Está muito pesado. Eu não consigo.

– Descansa um pouco – disse a professora, que, em seguida, virou-se para a visitante. – Você não quer tentar?

– Eu?

– Eu ponho pouco peso. É bom para você ter uma ideia melhor de como funciona.

A visitante então se sentou à máquina e prendeu as pernas às bases de borracha.

– Agora é só juntá-las bem devagar, isso. Agora afaste, bem devagar também. Ótimo. De novo. São dez.

O rio enterrado, Don Corleone e o vírus

14 de maio

A capacidade de se desesperar não devia ser uma virtude ou uma vantagem evolutiva. Mas a seleção natural a manteve conosco. Por milhares de gerações, uma após a outra, os desesperados sobreviveram.

É por isso que estou assim. Não há motivo para pânico, eu sei. Estou em casa, trancado em casa. Meu apartamento, no segundo andar, é de fundos e não há sequer carros fazendo barulho na minha janela. O único barulho é o da chuva, uma chuva média, forte o bastante para fazer barulho mas não mais do que isso.

Pela janela vejo o morro atrás do prédio: a encosta escavada e parcialmente recomposta com escoras e plantas

de vários tipos. O espaço pequeno do apartamento também não me incomoda. Se fosse maior, eu reclamaria de limpar a poeira em muitos cômodos.

Resumindo: não há motivo para desespero. Tenho conseguido trabalhar de casa e o trabalho de revisar textos até me acalma. Depois das dez da noite – quando acho indecente trabalhar – leio um Erico Veríssimo ou um Murakami para mudar o ritmo. Mas sinto falta de andar pela cidade, de ir até a padaria da esquina, de tomar sorvete na galeria do cinema e de ver as pessoas indo e vindo apressadas na Rua das Laranjeiras. Estou trancado em uma de suas transversais, a Rua Alice, uma subida cheia de curvas que vai do meio de Laranjeiras ao meio de Santa Teresa. É fresco e tranquilo e os entregadores do mercado chegam até aqui sem reclamar.

Eu sei: há uma crise lá fora. Pessoas estão morrendo aos milhares todos os dias, mortes horríveis, mortes por falta de ar, mortes quase súbitas em alguns casos. A rede pública já chegou ao limite na Cidade do

Rio de Janeiro e pacientes estão sendo levados para o interior do Estado. Como a rede de saúde é concentrada na capital, isso quer dizer que o vírus ainda não chegou com força ao interior. Questão de tempo.

Enquanto isso, reviso um livro de receitas de doces húngaros traduzidas de um jeito meio apressado. Reviso devagar. Depois das receitas, virão os artigos de uma revista para donos de lanchas esportivas: dois sobre pesca oceânica, um sobre as melhores marinas do país e outro que parece uma grande propaganda de barcos. Não, eu não escolho o que reviso. Podia ser pior. Já fiz revisão de teses de engenharia química, o que, na época, achava complicado. Hoje, depois de muitos meses com os textos fúteis, as cadeias de carbono parecem parte de um outro mundo, parecem um trabalho quase impossível.

Lembramos das coisas ao contrário, lembramos de trás para frente. Sim, coisas que acontecem depois mudam o jeito como lembramos do que aconteceu antes. Então, se os negacionistas estiverem certos e a crise da saúde

magicamente se resolver até o fim do mês, esquecerei as sensações estranhas do confinamento. Será como se ele nunca tivesse existido (ou quase isso).

Mas os negacionistas são só negacionistas: capangas de empresários que querem reabrir o comércio às pressas mesmo que isso mate outras pessoas. O mais provável é que, no futuro, me lembre de maio de 2020 como o início, como o período antes do caos.

Talvez eles fiquem doentes e morram de covid, os negacionistas. Mas não: eles fazem protestos seguros dentro de seus carros, fazem carreatas. E, quando chegam a seus apartamentos, no Leblon, negam os riscos do vírus em postagens no *tweeter* enquanto bebem vinho de *Bordeaux*.

Parei de ver TV. Já não via muita coisa. Mas as bizarrices de Brasília começaram a me fazer mal. A TV

mostra todos os dias as políticas anti-quarentena do governo federal. Fizeram coisas como aumentar o rol de atividades essenciais (para incluir academias de ginástica) e militarizar o Ministério da Saúde. Não há como isso dar certo.

A substituição de funcionários de carreira do ministério por militares sem experiência com saúde pública teve algum destaque nos jornais. Mas a sequência de escândalos em outras partes do governo pareceu empurrar esse para baixo – como em um *feed* do *Facebook*.

É estranho ver tudo isso por uma tela, de dentro de casa. É como ver um filme ruim e não poder desligar. Mas ainda é como um filme. Não estar lá fora, não passar pelo posto de saúde no Catete ou pela porta do Instituto de Cardiologia deixa tudo um pouco mais longe.

Sei quantas pessoas e, em alguns casos, quais pessoas morreram. Mas elas estão lá fora – e eu estou

trancado aqui. De alguma forma, é como se o mundo parasse para eu descer. Mas essa sensação dura pouco. Depois volta o pré-desespero e, eventualmente, o desespero mesmo. O desespero devia ser um estímulo, devia me empurrar para resolver o problema. Mas, contradições à parte, o que posso fazer para resolver o problema é ficar em casa.

A 50 metros de meu prédio, já na Rua das Laranjeiras, corre um rio subterrâneo. Poluído, tomado por bactérias resistentes a antibióticos, ele é a imagem que me causa pavor. Às vezes acho que ele é o que está acontecendo, às vezes que é a coisa em que posso me transformar. Longe dos olhos, enterrado em uma rede centenária de dutos e canos, ele foi decaindo e, quando finalmente analisaram a água em sua foz, descobriram que estava contaminada por superbactérias (lançadas lentamente no cartão postal, na Baía de Guanabara).

Talvez não seja uma boa imagem. As coisas estão acontecendo na nossa frente (ou quase, já que vemos de

casa, pela internet). Não vai ser uma surpresa quando amigos e parentes morrerem, quando tivermos que sair para resolver os detalhes do enterro – com caixão lacrado para evitar contaminação.

14 de maio (noite)

Ainda chovendo. Um barulho de ônibus, do outro lado do prédio, consegue quebrar a atmosfera suave do som de chuva. Talvez eu me sinta culpado por ficar trabalhando como se estivesse tudo normal. Mas há alguma coisa de fatalidade nisso tudo, como o rio contaminado correndo para a baía.

Então é isso? Doentes, mortos e um governo com viés militarista (e políticas cada vez mais destrutivas)? É para isso que estamos indo? É onde já estamos? Tirei quase todos os negacionistas de minha lista no *Facebook*. Os que sobraram não se atrevem a tentar me catequizar.

Sim, há muitos negacionistas. As pesquisas de opinião dizem que eles são 30% do eleitorado.

Paro e vou até a cozinha. É hipócrita beber vinho enquanto os negacionistas se impõem e a civilização se esfarela? Não é um vinho caro. E é um esfarelar em câmera lenta, dolorosamente demorado. Não preciso passar por ele sóbrio, pelo menos não o tempo todo.

Não é uma questão acadêmica, não é questão de entender, de ter a grande ideia que vai resolver o problema. Ficaremos trancados em casa enquanto o mundo afunda. Claro, já houve outras épocas de decadência: os anos 30, a Idade Média, as invasões bárbaras... Mas isso não é consolo nenhum. Para quem vivia na Europa no século V o Renascimento era inimaginável – e continuou assim, inimaginável, por muitas gerações. Os anos 30 só acabaram de verdade com a Segunda Guerra – também uma perspectiva sombria.

Enfim, talvez o desespero seja justificável. A calma numa hora dessas seria confortável mas não faria o menor sentido.

Talvez a evolução tenha preservado nosso desespero para não virarmos manés indiferentes. Ou talvez tenha sido só porque, no mundo pré-covid, o desespero era um tipo útil de estímulo. Não sei. O vinho deve diminuí-lo um pouco.

16 de maio

Acho que não conseguimos ficar desesperados o tempo todo. Tem a ver com o estoque de algum hormônio, alguém já me explicou. De qualquer jeito, estou melhor agora.

Desde ontem minha grande crise é decidir se devo ou não ir à padaria. Acho que me faria bem. Estou

trancado há mais de 60 dias e um pouco de Sol (agora faz Sol) melhoraria meu humor.

É claro, há uma contradição nisso. Mas, dentro da estreita faixa de decisões que posso tomar, ir à padaria é uma alternativa possível, embora não recomendável. Se a civilização vai decair e afundar, pelo menos eu vou ver algumas pessoas ao vivo, em carne e osso, antes que ela acabe de vez. Vou parar no balcão, tirar a máscara por um minuto e tomar café – talvez com pães de queijo. O trajeto, de pouco mais de 50 metros, estará vazio e a padaria terá poucos atendentes, o que diminui o risco.

Um analista de risco diria que até uma probabilidade pequena, associada a um evento drástico, justifica evitar a padaria. A conta é uma multiplicação: é a probabilidade da perda vezes o valor da perda. Com hospitais saturados, os mais ou menos 5% de casos que precisam de internação acabam morrendo. Então a conta é 5% vezes o risco de contágio vezes o valor da minha vida.

Não parece bom. Mas vou assim mesmo.

16 de maio (tarde)

Era para ser uma linha reta, quer dizer, uma curva, mas com apenas um cruzamento e quase ninguém no caminho. Eu é que, pelo jeito, não sei mais sair de casa. A calçada esburacada me fez tropeçar em frente ao meu prédio. Não fosse por um poste próximo, onde me apoiei, teria caído no chão. Um carro, um dos poucos que passou pela rua, jogou água de uma poça em minhas pernas e, antes que chegasse à esquina, eu estava molhado e mancando – além de irritado.

Atravessei a Mário Portela e cheguei à padaria. Os frangos assados rodando na TV de cachorro tinham um cheiro suave que me lembrou minha infância. Pedi que embrulhassem um. Pedi também uma coxinha de frango (60 dias sem frituras...) e um expresso grande.

A atendente no balcão tinha um olhar cansado embora ainda fossem 11h da manhã. A moça do caixa também parecia abatida e o atendente que cortou e embalou o frango por pouco não se cortou durante o processo.

Antes eram mais amistosas, as pessoas da padaria. Acho que não posso reclamar. Elas são atividade essencial: têm que sair de casa todos os dias, pegar ônibus e trens e lidar com pessoas como eu, que violam as recomendações de isolamento.

Entreguei meu cartão de crédito à atendente do caixa e digitei a senha pensando que devia passar 20 segundos lavando as mãos depois disso (nenhuma pia por perto). Comprei frutas em uma banca na esquina. O vendedor ambulante, atividade essencial, estava lá.

Dei uma última olhada na Rua das Laranjeiras antes de voltar para casa. Embaixo dela, o Rio Carioca seguia seu rumo: contaminado e escondido. Não é uma

imagem tão ruim. Voltei para casa coçando a cabeça e tropeçando no meio fio. Dessa vez não perdi o equilíbrio.

Foi bom ver pessoas, mesmo que elas não estivessem muito bem humoradas. Acho que precisamos disso, de contato físico, por menor que seja. Teria sido melhor ficar trancado em casa com mais alguém. Mas não tenho essa opção.

17 de maio

Tatiana adotou um cachorro, postou uma foto com ele em sua rede social. Tatiana é uma amiga de escola, uma das 20 ou 30 pessoas que passei a seguir no *Facebook* para passar o tempo.

Não nos vemos pessoalmente há mais de 15 anos, mas fiquei feliz em saber que ela adotou um cão. Ela também mora sozinha, mas em São Paulo. Não, eu não vou adotar um cão. Também não vou trocar mensagens

genéricas com Tatiana só para passar o tempo. Cliquei em “curtir”, na mãozinha azul com sinal positivo, embaixo de sua foto com o cachorro. Depois, mudei de ideia e troquei a mãozinha por um coraçãozinho vermelho para dizer que é realmente ótimo ela ter adotado um cachorro.

Pensei em acrescentar uma imagem de aplausos em amarelo mas já seria exagero. Vai ser bom para ela conviver com um cachorro. É isso. A notícia do cão é melhor que os textos revoltados (mas inúteis) que outros amigos postam na rede. Leio os textos. Com frequência posto aplausos ou clico na mãozinha azul. Mas sei que isso não vai fazer diferença.

Todos os textos de redes sociais vão ser esquecidos (os *memes* também). Eles são empurrados para baixo em uma sequência infinita de novos textos revoltados e novos *memes* pretensamente engraçados e vão se soterrando uns aos outros.

Tati com o cachorro pelo menos quebrou um pouco a rotina. E era uma mudança real: um cachorro, não só mais letrinhas na tela.

Mas não posso reclamar muito. As letrinhas na tela têm sido minha maior distração nesses dois meses de isolamento. Dou *likes* em *gifs* de gatos fofinhos, clico em links para museus virtuais e até entrei em um grupo que compartilha fotos de quadros de Egon Schiele. Só não acho que alguma dessas coisas vai mudar o mundo. É um pouco como ficar ouvindo a orquestra do Titanic. Eles tocam bem mas sabemos que morrem (morremos) no fim.

Renata, uma amiga de faculdade, compartilhou vídeos de aulas de yoga. Não faço yoga. Devia fazer. A falta total de exercício já está me deixando meio curvado e me fazendo ter câimbras nas pernas às vezes. Antes, pelo menos, eu andava: gostava de resolver as coisas a pé, mesmo que tivesse que ir longe. Ia ao Centro a pé e me sentia bem fazendo isso.

Tentei seguir as instruções do vídeo de yoga, mas não se começa assim. Para as primeiras aulas, pelo menos, é preciso ter um professor para apontar os erros e corrigir a postura. Desisti depois de 20 minutos.

Outro tema comum de meus amigos virtuais é o das viagens antigas – de antes da quarentena. Eles postam fotos na Europa ou em lugares com natureza exuberante. Natália (ex-vizinha) postou algumas na praia, de biquíni. A legenda dizia: “Geribá, Búzios, dezembro de 2019”.

Resisti ao impulso de comentar com aplausos e cliquei no *like* azul pensando se não era muito invasivo elogiar foto de biquíni. Não. Natália tem mais de 200 amigos virtuais e boa parte deles clica em corações vermelhos sob suas fotos de biquíni.

Antes da quarentena eu não me preocupava tanto com essa etiqueta de rede social. Quase não usava a rede e,

quando usava, era com uma espécie de desdém. Gostava de dizer que o que as pessoas postavam tinha pouco a ver com sua vida real. Agora, há o que elas postam.

Mas Tati adotou um cão, um cão de verdade, e Natália postou fotos de biquíni.

17 de maio (noite)

O vinho acabou, assim como o frango, o arroz, os guardanapos e metade dos produtos de limpeza. Sinto falta especialmente do vinho.

Mandei uma mensagem para o mercado com a lista de compras: as quantidades, as marcas etc. Pedi uma quantidade exagerada de pão de fôrma. Posso congelar. Sem problema. A entrega deve chegar amanhã.

Agora são 20h30. Sei pelo som das panelas e pelos gritos do lado de fora. Laranjeiras é o bairro mais à

esquerda do Rio de Janeiro. É aqui que os candidatos pró-direitos civis e distribuição de renda têm seus maiores percentuais de voto. Mas o panelaço diário não acontece só aqui. Até na Zona Oeste, dominada pela milícia (que apoia o governo), se ouvem panelas.

Por todo o país, o panelaço das 20h30 se tornou o novo normal. Se não podemos protestar na rua, batemos panelas em casa.

Também bato panelas. Faço isso mais ou menos dia sim dia não, principalmente para irritar o vizinho militarista do quarto andar. Mas sei que não faz muita diferença. O governo não se incomoda com os panelaços e segue com as nomeações de capangas e com as políticas bizarras para a saúde – como se não houvesse resistência.

Sexta-feira, quando o novo ministro da Saúde pediu demissão (com menos de um mês no cargo), o panelaço foi mais forte. Bateram panelas até de tarde, quando a demissão foi anunciada. Os textos revoltados

encheram o *feed* do *Facebook*, mas hoje já foram deslocados por fotos de *pets*.

18 de maio

As entregas do mercado chegaram às 19h. Passei as duas horas seguintes lavando fruta por fruta, pacote por pacote, com sabão de coco. Meu método é simples: ensaboo um lote e, quando chego ao último item, o primeiro já está há mais de 20 segundos coberto de sabão. Então, volto ao item 1 e o ponho sob a torneira (se for uma fruta) ou tiro o sabão com um pano de prato (se for um pacote). Hoje foram vários lotes assim. Não devo precisar de entregas do mercado por pelo menos um mês.

Quando ouvi as panelas lá fora, estava no fim da limpeza. Parei e engrossei o coro. A expectativa de uma ceia variada, com vinho tinto, me deu mais disposição para batucar.

Semana passada, quando Aldir Blanc morreu de covid, um vizinho pôs na janela (às 20h30) uma caixa de som. Ele tocou *O bêbado e o equilibrista*, na gravação clássica de Elis Regina.

Ouvi a música inteira em silêncio: eu e metade do bairro. “Caia... a tarde feito um viaduto / e um bêbado trajando luto me lembrou Carlitos”.

Sim, eu chorei ouvindo. E, no trecho sobre o país que sonha com a volta do irmão do Henfil, me dei conta de que não sonhamos com mais nada. O irmão do Henfil voltou. Nos anos 90, ele fez uma campanha excelente pela cidadania e contra a fome – e depois morreu. E agora estamos aqui, sem Henfil nem Betinho, sem esperar mais nada.

21 de maio

Não consegui trabalhar muito hoje. Normalmente não me distraio com redes sociais quando estou trabalhando. Mas hoje passei mais tempo olhando para elas e para os sites de notícia do que revisando os textos do trabalho.

Eu sei que é perda de tempo. Sei que todos os *memes* vão ser esquecidos (até os horríveis, de campanha eleitoral). Mas gasto meu tempo olhando para eles assim mesmo. Depois, os esqueço.

22 de maio

Achei que tivesse banido todos os *mínions* de minhas redes sociais. Sobrou um – banido hoje. Em seu texto, postado em maiúsculas, ele desejava a todos um “feliz dia do abraço”, e declarava que ia sair às ruas para abraçar todos os conhecidos (e desconhecidos) que se dispusessem a se aproximar dele.

O grande nó, e o que menos entendo nessa crise, são os negacionistas. Boa parte deles segue o que o presidente posta no *tweeter*. É por isso que a esquerda, carinhosamente, os chama de gado. Mas há uma parte mal explicada na história. Por que o gado foi atrás dessa criatura e não de outra? Porque um discurso de extrema direita (e depois de negação dos riscos da pandemia) conseguiu atrair tanto público?

Já perguntei isso aos autores de textos revoltados em minhas redes sociais. Consegui respostas genéricas, difíceis de verificar, mas não necessariamente erradas. Já ouvi que é uma falha de caráter (“se você segue alguém que faz apologia da tortura, é porque você não tem caráter”), que é só por interesse (“são grupos religiosos, empresas de comunicação, latifundiários e militares que recebem cargos e verbas”) e que é uma questão de tecnologia (“eles têm os melhores robôs do *tweeter* e do *whatsapp*”).

Uma resposta não exclui a outra – e nenhuma põe qualquer luz no fim do túnel. O caráter dos múnions não vai mudar. Os grupos da base de apoio do governo não vão deixar de receber favores estatais. E os robôs que enviam *fake news* e propagam o ódio às minorias não vão ser desligados. Nas últimas semanas, eles passaram a alardear também curas fabulosas para a covid...

É difícil conter o aumento das mortes quando o governo federal e parte da população dizem que está tudo bem, quando dizem que fechar o comércio é pior que ter UTIs sem vagas. Enquanto o governo brinca de dança das cadeiras no Ministério da Saúde, o número de mortes chega a mil por dia, o que deveria deixar até ao múnions apreensivos. Mas não, eles falam como se não se incomodassem.

22 de maio (noite)

Natália, minha ex-vizinha, postou micro resenhas de distopias. Segundo ela, as distopias clássicas parecem menos assustadoras agora:

“Trocava fácil minha rotina pela do Admirável mundo novo, do Huxley. ‘Cada um pertence a todos’ é muito melhor que ficar isolada.”

“No livro do K. Dick, o *Andróides sonham com ovelhas elétricas?*, a história se passa em 2021 e – poeira radioativa à parte – eles podem ir à ópera e ouvir uma afinada soprano andróide interpretar Pamina na *Flauta mágica* de Mozart.”

“Ok, a distopia do Orwell é pior, mas ainda podemos chegar lá.”

Respondi com aplausos e escrevi um comentário alegre. Não é todo dia que me convencem de alguma coisa. Sim, as letrinhas na internet podem fazer alguma

diferença, nem que seja só por melhorar um pouco nosso ânimo.

Jantei menos desiludido depois de ler a sequência de notinhas literárias de Natália. Trouxe para a mesa um cesto de frutas do mercado, lavadas com sabão, enxaguadas e secas. Abri um vinho argentino quase caro e bebi metade da garrafa.

23 de maio

Hoje acordei tarde, sem vontade de sair da cama, espirrando. Alergia. Era até estranho que minha alergia crônica ficasse tão bem comportada por dois meses. Bom, ela voltou. Vou pedir anti-histamínicos na farmácia.

Hoje é sábado e nada me impede de passar o dia na cama. A TV não tem nada razoável e não consigo ler, sinto um pouco de dor de cabeça.

23 de maio (tarde)

Sim, a ideia de uma morte horrível interrompendo meu tédio já me ocorreu algumas vezes – várias vezes – nos últimos 20 minutos. Mas ainda é cedo para o auto-diagnóstico.

A rede privada de saúde também está saturada. A recomendação, espalhada pelos sites de notícias, é ficar em casa, apenas ficar em casa. Pensei em avisar alguém de que estou com sintomas que podem ser do vírus. Mas não adianta estressar os outros por isso. Não há nada que possam fazer.

Mandei um *e-mail* para meu chefe. Se eu atrasar o livro sobre a história do chocolate que estou revisando, é porque estou doente: alergia ou o que seja. Gripe talvez. Mas onde eu teria pego gripe? Resfriado? Não tem feito frio... Acho que ainda tenho Paracetamol em casa.

Reabilitei a TV. Mas não do mesmo jeito. Assinei um pacote de *streaming*, um com todas as séries que as pessoas comentam e com os filmes que fizeram pouco sucesso no cinema.

Aprendi logo que, no *streaming*, em vez de ficar pulando de um canal para o outro sem encontrar nada, ficamos pulando de uma capa de filme para outra sem sentir vontade de ver nenhum. Mas estou sendo injusto. Depois de meia hora fazendo buscas por “franceses”, “anos 60” e “clássicos” (sem encontrar quase nada), esbarrei na série mafiosa de Francis Coppola.

O divertido nos filmes do chefão é que eles são contados do ponto de vista dos vilões. O segundo chefão, herdeiro da dinastia, manda matar o próprio irmão em uma intriga de fazer inveja aos reis das peças de Shakespeare. Michael Corleone é um assassino sem escrúpulos. Mas, como a história é contada do ponto de vista dele, um

espectador distraído pode acabar torcendo pelo mafioso, concordando com as justificativas que ele inventa para seus crimes:

“Fulano me traiu, Fulano sabe demais. Não tem jeito, temos que matá-lo.”

A ideia é que mesmo os assassinos mais vis precisam se justificar, precisam achar que – de algum jeito – estão certos, precisam ser capazes de se olhar no espelho de manhã. Só os vilões da Disney dão gargalhadas diabólicas diante do espelho. Os outros vilões inventam justificativas para seus crimes – e acreditam imediatamente no que inventam. Toda sua autoestima depende disso.

Eles usam os meios mais torpes. Porque, para o mafioso, o fim sempre justifica os meios. E o fim é o próprio mafioso: o objetivo é se manter no poder. Mas não é só ele. O mafioso tem um pequeno círculo de pessoas em quem confia cegamente. Em geral, são pessoas de sua

família. Se algum deles o trair, bom... Se o mafioso entender que algum deles o traiu será uma espécie de crime de lesa majestade – e a punição será merecida.

Eu sei: antes eu me sentia em um rio subterrâneo, agora me sinto em um filme de máfia. Talvez os múnions sejam como a parte distraída do público, como a parte que torce por Dom Corleone. Eles leem as justificativas do mafioso em *tweets* ou mensagens repassadas pelo *whatsapp* e elas explicam tudo, explicam por que o inimigo tem que ser destruído e por que o mafioso vai triunfar massacrando todos os que discordarem.

Sim, existe algum tipo de pré-disposição. Afinal, é de verdade, não são só personagens de ficção morrendo em um filme. Para torcer por um Dom Corleone real, um que mata pessoas reais, é preciso realmente ter uma falha de caráter.

Olhando em retrospecto, acho que alguns dos múnions que conheço acreditam de verdade que os fins

justificam os meios. Eles tratam o mafioso como um deus, acham que defendê-lo é tudo que importa. Não sei como chegaram a pensar desse jeito. Isso não exclui a existência dos cínicos, dos que estão lá só para ter a lei pró-desmatamento ou a liberação dos agrotóxicos que quiserem. Mas “os fins justificam os meios” não é uma ideia para quem segue os dez mandamentos (que proíbem alguns meios). Nenhum religioso de verdade segue um político que defende torturadores. Não dá para acender velas para deus e para o diabo ao mesmo tempo. O departamento administrativo das igrejas, no entanto, talvez possa apoiar o mafioso se ele garantir o perdão para suas dívidas com a previdência social...

Estou ficando com sono. Na verdade cansado. Um cansaço anormal para alguém que passou o dia deitado vendo TV.

Já faz quase oito horas desde o comprimido. Acho que posso tomar outro.

23 de maio (fim da noite)

Cochilei vendo *O poderoso chefão III*. Não consigo me concentrar. Na última uma hora fiquei vendo *Pinky e Cérebro*, um desenho animado do século XX. Devo estar muito cansado porque a ideia de que um rato de laboratório pode dominar o mundo me parece perfeitamente razoável.

Cérebro tentando dominar o mundo é melhor que Cebolinha tentando roubar o coelho da Mônica. Não é uma questão de sofisticação intelectual ou coisa parecida. Às vezes é só sorte: é apenas estar no lugar certo na hora certa. Com os políticos é parecido: políticos toscos chegaram ao poder e causaram estragos assustadores apesar de todo o refinamento da oposição.

Não sei o que fazer. Quer dizer, sei: ficar em casa. Mas não sei o que fazer para evitar o caos que parece estar vindo em um ritmo lento mas firme.

Leio os textos revoltados no *Facebook* e nenhum deles me dá nenhuma ideia. São, no máximo, analgésicos. Os jornais apenas descrevem o caos. Li agora que eles estão reduzindo os salários (e a carga horária) dos repórteres por falta de anunciantes, por falta de dinheiro. Acho curioso. Um dos jornais que cortou salários é da família mais rica do país segundo a revista *Forbes*.

Melhor dormir.

24 de maio

Consultei, via internet, um médico do plano de saúde. Ele me disse para tomar muito líquido e me receitou um placebo que pode causar arritmia.

Não fui grosseiro com ele mas, se soubesse que ia me mandar beber água e tomar remédio de *fake news*, não teria marcado a consulta.

O que a internet diz é que, se a doença for para os meus pulmões, vou morrer. Se não, só vou ter um monte de sintomas (algumas pessoas têm poucos) e depois posso ficar bem.

É esperar para ver.

Na medicina, foi a delicadeza das observações em microscópio, dos testes sistemáticos e dos métodos estatísticos que nos fizeram curar doenças e aumentar a expectativa de vida da população. É bizarro que, na política, ninguém descubra um detalhe delicado – alguma coisa que os autocratas toscos deixaram passar – alguma coisa que mude a cabeça dos múnions e tire o apoio das milícias violentas.

Bom, ainda há tempo, acho. Talvez alguém descubra um jeito.

(fim do manuscrito)